

Juventudes, raça e vulnerabilidades

Maria Dirce Pinho*
Elza Berquó**
Kelly Adriano Oliveira**
Fernanda Lopes***
Luís Carlos Araújo Lima**
Noeli Pereira**

O objetivo do artigo é identificar os fatores estruturais e comportamentais associados ao uso de preservativos entre jovens na faixa etária de 16 a 24 anos e sexualmente ativos nos 12 meses anteriores ao levantamento da pesquisa Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções do HIV/AIDS, 1998 (Cebrap/PCN-DST/AIDS), segundo raça/cor e sexo. Foram estudados 9.322 jovens (59% de homens e 41% de mulheres). As variáveis estruturais e comportamentais foram tratadas segundo o modelo estatístico log linear Chaid (Chisquared Automatic Interaction Detector). A maior proporção de usuários de preservativos foi encontrada entre brancos e negros não unidos, e a menor adesão, entre aqueles com parcerias estáveis e eventuais, especialmente entre jovens negras. O estudo mostrou que estão mais vulneráveis ao sexo desprotegido os unidos e os solteiros em relações eventuais, ou estáveis e eventuais, e aqueles com maior escolaridade e pertencentes aos estratos socioeconômicos mais altos, especialmente mulheres e negros.

Introdução

No Brasil existem cerca de 31 milhões de jovens na faixa etária de 16 a 24 anos, representando 18% da população total do país (IBGE, 2002). Muitos desses jovens não têm acesso a informações sobre sexualidade e saúde reprodutiva, nem a serviços adequados de atendimento nessa área que os estimulem a tomar decisões de maneira livre e responsável.

A epidemia de HIV/AIDS é hoje um dos mais graves problemas de saúde pública. De 1980 a setembro de 2001 foram registrados 222.356 casos de AIDS no país, 13% deles vitimando jovens entre 16 e 24 anos (Brasil, 2001). Muitos estudos vêm sublinhando que a maior vulnerabilidade dos jovens tanto à infecção por DSTs/AIDS como

à gravidez indesejada tem complexa relação com a limitação das opções de lazer e cultura, do acesso aos equipamentos sociais, incluindo serviços de saúde e educação, e das oportunidades ocupacionais e de rendimento (Ayres *et al.*, 1998; Benfam, 1999; Szwarcwald *et al.*, 2000).

Essa intrincada rede de fatores estruturais e comportamentais permite dizer que esses jovens estão expostos não a uma ou outra vulnerabilidade, mas a diversas delas, pois são fatores que, além de influenciar o exercício pleno e responsável da sexualidade e da reprodução, os expõem a maiores chances de violência doméstica, sobretudo de abuso sexual (Seixas, 1999). Assinala-se também que as mortes na faixa etária

* Pesquisadora do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), membro de Fala Preta! Organização de Mulheres Negras, São Paulo.

** Pesquisadora do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap).

*** Pesquisadora do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) e professora da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP).

entre 15 e 24 anos se concentram na categoria de óbitos por violência conjunta, ou seja, esses jovens morrem mais por causas decorrentes de homicídios, agressões e acidentes de trânsito (Castro *et al.*, 2001).

A inexistência ou a precariedade de espaços de lazer, esporte e cultura voltados para a população jovem, especialmente para os mais pobres, que ofereçam alternativas reais de ocupação do tempo livre de modo produtivo, permitindo-lhes fazer o que gostam – já que boa parcela dos jovens nessa faixa etária não está trabalhando, nem estudando (Castro *et al.*, 2001) –, é apenas um exemplo indicativo do quão adversas são as condições sociais e culturais em que vivem esses jovens, tornando-os, em sua maioria, vítimas de acentuado processo de exclusão.

Próprias da juventude, as inquietações diante das expectativas de convívio para além da família, de constituir-se como pessoa autônoma, consciente dos seus direitos e deveres, a necessidade de construir uma identidade positiva e de exercer a sexualidade de forma responsável e livre de coerção, são alguns dos desafios adicionais a serem enfrentados por aqueles que se responsabilizam pela formação desses jovens.

Conforme apontado na pesquisa Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções do HIV/AIDS (Brasil, 2000), a vida sexual dos jovens inicia-se cada vez mais cedo. Em 1998, 61% dos jovens entre 16 e 19 anos já haviam tido relações sexuais e 40,2% as tiveram pela primeira vez antes dos 15 anos (46,7% dos homens e 32,3% das mulheres). Em 1984, a proporção daqueles que iniciaram a vida sexual antes dos 15 anos era de 35,2% para os rapazes e 13,6% para as moças. A mesma pesquisa mostra que, comparativamente aos adultos, os jovens tendem a utilizar mais o preservativo nas relações sexuais. Ainda assim, a maior adesão dos jovens ao uso do preservativo não se tem mostrado consistente, na medida em que essa parcela da população vem apresentando aumento nas taxas de fecundidade e incidência do HIV/AIDS.

A ausência, até o momento, do recorte racial/étnico nas estatísticas oficiais sobre

a epidemia do HIV/AIDS dificulta o conhecimento do processo de expansão da epidemia nesse segmento populacional. Porém, se entendermos a idéia de vulnerabilidade como impossibilidade de exercício de cidadania, pode-se afirmar que os jovens negros são os que mais enfrentam problemas de acesso aos serviços em todos os níveis, já que, visto dessa perspectiva, apresentam características sociais e culturais que os tornam mais vulneráveis.

No caso da população negra, o meio ambiente que exclui e nega o direito natural de pertencimento coloca o negro brasileiro em condições de vulnerabilidade (Guimarães, 2001). Além da inserção social desqualificada/desvalorizada (vulnerabilidade social) e da invisibilidade de suas necessidades específicas nas ações e programas de assistência e prevenção (vulnerabilidade programática), homens e mulheres negros vivem em um constante estado defensivo. Esse efeito cumulativo de desvantagens individuais, sociais e políticas pode provocar comportamentos inadequados, doenças psíquicas e psicossociais, além das doenças físicas (vulnerabilidade individual) (Lopes *et al.*, 2002).

Para operacionalizar sua interpretação, a noção de vulnerabilidade é apresentada em três dimensões: individual, social e programática. A dimensão individual da vulnerabilidade, explorada neste artigo, é resultado das relações sociais e interpessoais desiguais. Ao considerar uma pessoa vulnerável, estamos nos referindo a alguém que não tem consciência da possibilidade de infectar-se com o HIV ou de adoecer por AIDS, ou que, embora consciente, não é capaz de elaborar (e implementar) estratégias eficazes e eficientes para o enfrentamento da doença ou para a prevenção da infecção (Lopes *et al.*, 2002).

No campo da AIDS, a noção de vulnerabilidade é definida sinteticamente por Ayres (2002) como “o conjunto de aspectos individuais e coletivos relacionados ao grau e modo de exposição ao HIV ou adoecimento pelo mesmo e, de modo indissociável, ao maior ou menor acesso a recursos adequados para se proteger de ambos”.

O acesso aos bens sociais e os fatores psicossociais, biológicos, estruturais e culturais determinam as condições de vida e de saúde individual e/ou coletiva. É, pois, essencial que os estudos de populações vulneráveis aos agravos em saúde incorporem o recorte racial/étnico¹.

Os jovens negros são especialmente incluídos entre os desiguais. São eles que ocupam os piores níveis de escolaridade, apresentam as maiores dificuldades para ingresso no mercado de trabalho e, no momento em que nele se inserem, são aqueles que ocupam as mais desvalorizadas funções. São também aqueles que, por sua irreverência, vestimenta ou linguajar, são prioritariamente discriminados nos serviços de saúde.

Todas essas questões e a necessidade de elaborar subsídios para ações e programas de educação em saúde e em saúde preventiva nortearam o presente trabalho, que descreve a população jovem de 16 a 24 anos residente nas áreas urbanas do Brasil e seus diferenciais para o uso de preservativo, segundo raça/cor e sexo.

Metodologia

A pesquisa Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções do HIV/AIDS

Os principais dados apresentados neste artigo fazem parte de pesquisa conduzida pela Área de População e Sociedade do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap), atendendo à solicitação da

Coordenação Nacional de DST/AIDS do Ministério da Saúde (Brasil, 2000).

Essa pesquisa teve como objetivo geral identificar representações, comportamentos, atitudes e práticas sexuais da população brasileira e investigar seus conhecimentos sobre HIV/AIDS, com vistas a estabelecer estratégias de intervenções preventivas das DSTs/AIDS.

Realizada de dezembro de 1997 a dezembro de 1998, a pesquisa refere-se a um universo composto de indivíduos de ambos os sexos, na faixa etária de 16 a 65 anos, moradores nas áreas urbanas de 169 microrregiões do Brasil, totalizando 59.872.819 pessoas. Vale ressaltar que a população urbana do Brasil pertencente a essa faixa etária era, segundo a Contagem Populacional realizada pelo IBGE em 1996, de 77.018.813 pessoas, significando que o processo amostral visou garantir um poder de inferência para 77,7% do universo.

A amostra final foi de 3.600 pessoas. O instrumento de coleta de informações foi um questionário com 204 questões, entre fechadas e abertas, cobrindo os seguintes blocos: identificação pessoal; opiniões sobre sexualidade e normas sexuais; iniciação sexual e experiências sexuais; comportamento sexual; conhecimento e prevenção do HIV/AIDS; reprodução e saúde; uso de drogas.

A pesquisa e a população negra

A pesquisa Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções do HIV/

¹ A idéia de "raça" não é universal, ela emerge de um ponto particular da história da Europa ocidental. Isso demonstra que "raça" não é um fato biológico, mas uma construção social. Como classificação, "raça" é definida por um grupo de pessoas conectadas por uma origem comum. Desde o início do século XIX, a palavra foi usada com vários outros sentidos. A diversidade física atrai a atenção das pessoas tão prontamente que elas não percebem que a validade do conceito depende do seu emprego numa explicação, isto é, a questão principal não é o que vem a ser "raça", mas o modo como o conceito é empregado. Embora a designação de raça siga uma regra social e não de classificação biológica, o idioma da raça é importante para medidas de combate à discriminação racial (em detrimento ao uso desejado do termo etnia). Como significante (expressão, som ou imagem cujos significados são viabilizados somente por meio da aplicação de regras e códigos), "raça" apresenta um caráter mutável, podendo ser diferentes coisas para diferentes pessoas, em diferentes lugares na história; por isso, desafia as explicações definitivas fora de contextos específicos. No uso popular, a expressão "raça" perdeu seu *status* de algo com características e traços estáveis. A questão dominante passou a ser o discurso. A "raça" então passou a ser um modo de entender e interpretar as diversidades por meio de marcadores inteligíveis. Como significado, "raça" pode ser traduzida por um grupo de pessoas socialmente unificadas numa determinada sociedade em virtude de marcadores físicos. Os rótulos raciais têm significado em razão do teor específico ligado aos termos raciais numa determinada época e lugar. As raças sociais não são subespécies geneticamente ligadas entre si. Na verdade, os membros de diferentes raças sociais são, com frequência, parentes próximos uns dos outros em muitas sociedades multirraciais, em especial naquelas com um histórico de escravidão (Cashmore, 2000).

AIDS oferece, pela primeira vez no Brasil, a oportunidade de conhecer e avaliar a forma como os fatores estruturais, relacionais e individuais intervêm no conhecimento, nas atitudes, no comportamento e nas práticas sexuais, principalmente para a população negra.

Há um ano, um grupo de pesquisadores negros, de diversas áreas do conhecimento, vem utilizando o banco de dados da pesquisa com o objetivo de analisá-los segundo o recorte racial/étnico, no projeto denominado População Negra Brasileira frente o HIV/AIDS. Vale salientar que 43,9% da amostra são autodeclarados negros e 51,5% são auto-identificados como não-negros, tornando possível estabelecer um contraponto, segundo cor ou raça, na análise dos resultados.

A pesquisa e a população jovem

O presente artigo volta-se para os dados relativos aos jovens da amostra, que correspondem a 26% do total da população pesquisada. Com o objetivo de descrever o perfil dos 14.826 jovens estudados, a população foi dividida em quatro grupos, a saber: jovens brancos; jovens negros; jovens brancas; jovens negras. Para a classificação de raça/cor foram consideradas as mesmas categorias utilizadas nos censos demográficos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): branca, preta, amarela, indígena e parda (mulata, mestiça, cabocla, mameluca, cafuza etc.). As categorias, previamente estruturadas, foram coletadas pelo critério de autoclassificação, a partir da seguinte pergunta: "No que diz respeito à sua cor ou raça, como você se classifica?" Neste estudo utilizamos as categorias brancos e negros. A categoria negro foi construída *ex-post* pelos pesquisadores, com a junção de

pretos e pardos autodeclarados, como tem sido feito na maioria das pesquisas e como é feito pelo próprio IBGE. As categorias indígena e amarelo não foram consideradas, devido às suas baixas freqüências.

Para cada grupo foi apresentada a distribuição de freqüência simples das seguintes variáveis: região de moradia; escolaridade; religião; renda do entrevistado; renda familiar *per capita*; estrato socioeconômico; atividade econômica; posição na família; estado conjugal; tipo de relação; idade da iniciação sexual; risco individual auto-atribuído em relação à infecção do HIV.

Para identificar os fatores estruturais e comportamentais associados ao uso de preservativo foi utilizado o modelo estatístico log linear ponderado Chaid (Chi-squared Automatic Interaction Detector). Com ele é possível classificar os dados categóricos, gerando assim segmentos exclusivos e exaustivos, significativamente diferentes em relação à distribuição da variável dependente, segundo valores determinados pelo teste do chi-quadrado. Para cada grupo ou segmento gerado, a associação entre as variáveis é novamente testada pelo chi-quadrado, até que não sejam mais observadas dependências significativas.

O modelo foi aplicado para a análise do uso do preservativo entre os jovens de 16 a 24 anos que relataram vida sexual ativa nos 12 meses anteriores à pesquisa (n = 9.322). As variáveis independentes utilizadas foram: estado conjugal; tipo de família; posição na família; nível de escolaridade; renda individual; religião atual; atividade econômica; região de moradia²; Critério Brasil de Classificação Socioeconômica³; percepção de risco individual; práticas sexuais (oral, anal, vaginal); realização de teste para o HIV; exposição a drogas; número de parceiros.

² Foram consideradas as seguintes regiões: regiões Norte e Nordeste, denominadas de *NorNor*; região Sul expandida – Rio Grande do Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro –, denominada de *SulX*; e região Centro-Oeste expandida – Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul –, denominada de *CentroX*.

³ Para classificação socioeconômica da amostra utilizou-se o novo Critério Brasil. Nele são associados valores ao número de bens de consumo existentes no domicílio e ao nível de instrução do chefe da família e/ou pessoa de referência. Também são considerados, para essa classificação, o número de automóveis de passeio e o número de empregada(s) mensalista(s). Este novo critério de pontuação permite maior aproximação da realidade socioeconômica dos(as) entrevistados(as). Os grupos sociais são criados segundo a seguinte pontuação: Classe A, entre 25 e 43 pontos; Classe B, entre 17 e 24 pontos; Classe C, de 11 a 16 pontos; Classe D, de 6 a 10 pontos, e Classe E, menor que 6 pontos.

Foram construídas cinco árvores. Na primeira árvore, raça/cor e sexo integravam o conjunto de variáveis independentes. As demais árvores foram construídas para homens jovens brancos, homens jovens negros, mulheres jovens brancas e mulheres jovens negras.

Os usuários de preservativo foram caracterizados, segundo sexo e raça/cor, levando-se em conta: o tipo de relação; a idade de iniciação sexual; práticas sexuais; uso de drogas; número de parceiros; realização do teste de HIV; percepção de risco individual. As frequências simples foram calculadas utilizando o programa SPSS, versão 8.0.

Descrição do perfil

Da população de jovens sexualmente ativos (9.322), 55% autodeclararam-se negros e 45%, brancos. A distribuição da amostra segundo sexo é de 53% de jovens do sexo masculino e 47% do sexo feminino (Figura 1).

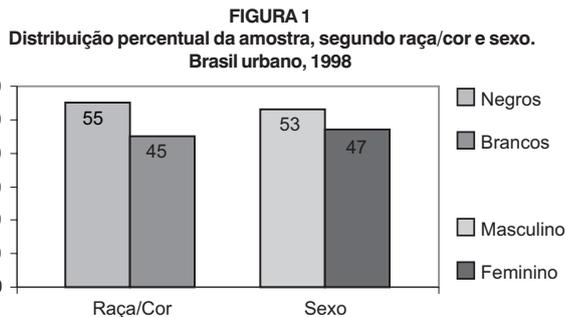
Na Tabela 1 encontra-se a distribuição conjunta dos jovens, segundo sexo e raça/cor: os jovens brancos do sexo masculino representam 29%; os jovens negros, 24%; as mulheres brancas, 27% e as negras, 20% do total de jovens da amostra.

Região de moradia

A maior proporção de jovens encontra-se na região Sul X (55%), especialmente os jovens brancos (75% dos homens e 65% das mulheres). A maior proporção de jovens negros foi encontrada na região Nor (41% dos homens e 49% das mulheres) (Tabela 2).

Escolaridade

Metade da população de jovens cursou até o ensino fundamental (51%). Entre os negros encontra-se a maior proporção de jovens com nível fundamental (62%); para os brancos, essa proporção é de 42%.



Fonte: Pesquisa Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções sobre HIV/AIDS, Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/Aids.

TABELA 1
Distribuição percentual da amostra por sexo e raça/cor.
Brasil urbano, 1998

JOVENS (16-24 anos)	(%)
Homens brancos	29
Homens negros	24
Mulheres brancas	27
Mulheres negras	20
TOTAL	100
	(14,826)

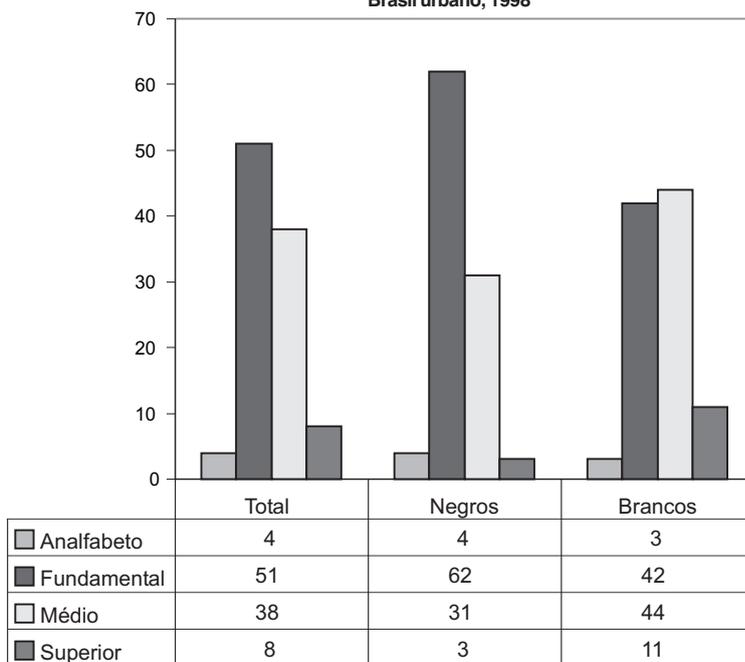
Fonte: Pesquisa Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções sobre HIV/AIDS, Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/Aids.

TABELA 2
Distribuição percentual da região de moradia, segundo sexo e raça/cor.
Brasil urbano, 1998

Região de moradia	Total de jovens (%)	Homens		Mulheres		Total Raça/Cor	
		Negros (%)	Branços (%)	Negras (%)	Branças (%)	Negros (%)	Branços (%)
Centro X	15	19	10	24	13	21	11
Nor Nor	30	41	15	49	21	45	18
Sul X	55	40	75	27	65	34	71
TOTAL	100	100	100	100	100	100	100
	(14.826)	(3.604)	(4.283)	(2.943)	(3.996)	(6.547)	(8.279)

Fonte: Pesquisa Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções sobre HIV/AIDS, Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/Aids.

FIGURA 2
Distribuição percentual do nível de instrução, segundo raça/cor.
Brasil urbano, 1998



Fonte: Pesquisa Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções sobre HIV/AIDS, Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/Aids.

jovens brancos no ensino superior representam 11%, o que corresponde a praticamente quatro vezes a proporção de negros com essa escolaridade (3%) (Figura 2).

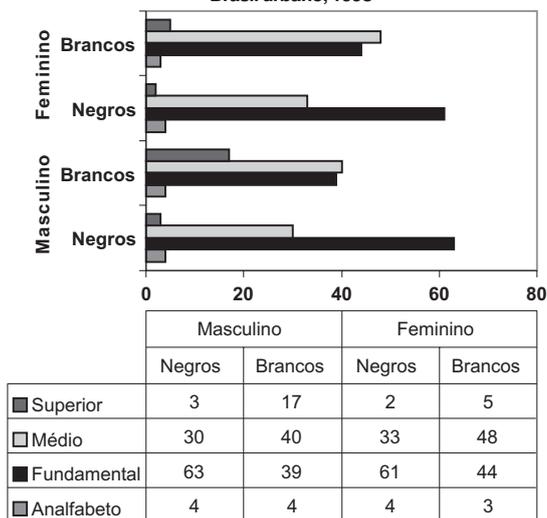
Observa-se, na Figura 3, que o nível educacional tanto de mulheres quanto de homens negros tende a ser mais baixo do que o dos brancos. Vale destacar a discrepância entre homens e mulheres brancos no acesso ao ensino de nível superior, muito

mais freqüente para os homens (17%) do que para as mulheres (5%).

Religião atual

A grande maioria dos jovens declarou pertencer à religião católica (67%), não havendo praticamente diferença entre pessoas negras e brancas. O diferencial pode ser observado em relação ao sexo,

FIGURA 3
Distribuição percentual do nível de instrução, segundo raça/cor e sexo.
Brasil urbano, 1998



Fonte: Pesquisa Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções sobre HIV/AIDS, Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/Aids.

TABELA 3
Distribuição percentual da religião, segundo sexo e raça/cor.
Brasil urbano, 1998

Religião	Total de Jovens (%)	Homens		Mulheres		Total Raça/Cor	
		Negros (%)	Brancos (%)	Negras (%)	Brancas (%)	Negros (%)	Brancos (%)
Católica	67	61	62	76	69	68	66
Protestante	5	12	4	4	3	8	3
Pentecostal	13	6	13	14	18	10	15
Espírita	1	1	-	1	1	1	1
Afro-brasileira	-	-	-	-	1	-	1
Nenhuma religião	12	19	19	4	4	12	12
Outra	2	1	2	2	3	1	2
TOTAL	100	100	100	100	100	100	100
	(14.826)	(3.604)	(4.283)	(2.943)	(3.996)	(6.547)	(8.279)

Fonte: Pesquisa Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções sobre HIV/AIDS, Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/Aids.

em especial para mulheres negras, com a maior filiação católica (76%) (Tabela 3). A segunda religião na preferência dos jovens foi a pentecostal (13%), com maior concentração de mulheres brancas (18%). Declararam ser adeptos do protestantismo 5% dos jovens; entre os jovens negros há maior proporção de membros dessa religião (8%); a proporção de jovens brancos foi de 3%. Isso sem perder de vista, entretanto, um diferencial significativo de adeptos, entre homens, ao protestantismo histórico, sendo os negros os que apresentam a maior

proporção de filiação (12%). Declararam não pertencer a nenhuma religião 19% dos homens e apenas 4% das mulheres, tanto negros como brancos.

População economicamente ativa

Dos jovens estudados, 56% estavam economicamente ativos. Destes, 37% encontravam-se no mercado informal, 30% no mercado formal, isto é, com registro em carteira, e 26% desempregados. Segundo a raça/cor, 65% dos negros e 48% dos

brancos desenvolvem alguma atividade econômica, sendo maior a proporção de negros no mercado de trabalho informal (41%). Por outro lado, observa-se que mais brancos do que negros estão no mercado de trabalho formal (35%). Quanto ao desemprego, não se observa diferença importante entre os jovens negros e brancos. Na Tabela 4 podemos ainda observar a existência de maior índice de mulheres brancas desempregadas (44%) e de homens negros desempregados (29%).

Dos inativos (44%), 78% estavam estudando e 21% declararam ser exclusivamente donas de casa, com maior proporção de mulheres negras (41%). Entre as mulheres, 70% das brancas e 59% das negras estavam estudando. A quase totalidade dos homens negros e brancos inativos dessa faixa etária declararam ser estudantes. Estavam aposentados 2% dos homens negros e 1% das mulheres brancas.

Renda mensal per capita

Predominam entre os jovens estudados famílias com renda mensal *per capita* de até 3 salários mínimos (SM) (90%). Dos jovens

vivendo em famílias com renda mensal de até 1 SM, 55% são negros e 33% são brancos.

Os piores rendimentos estão nas famílias das jovens negras: 66% delas ganham até 1 SM, exatamente o dobro do percentual apresentado pelas jovens brancas (33%). A maior parte das famílias das jovens brancas tem rendimentos entre 1 SM e 3 SM. Essa diferença também pode ser observada entre os homens: 46% dos negros e 32% dos brancos estão em famílias com até 1 SM. Para os jovens brancos de ambos os sexos observa-se a maior concentração na faixa entre 1 SM e 3 SM: 55% para os homens e 52% para as mulheres (Figura 4).

Renda mensal individual

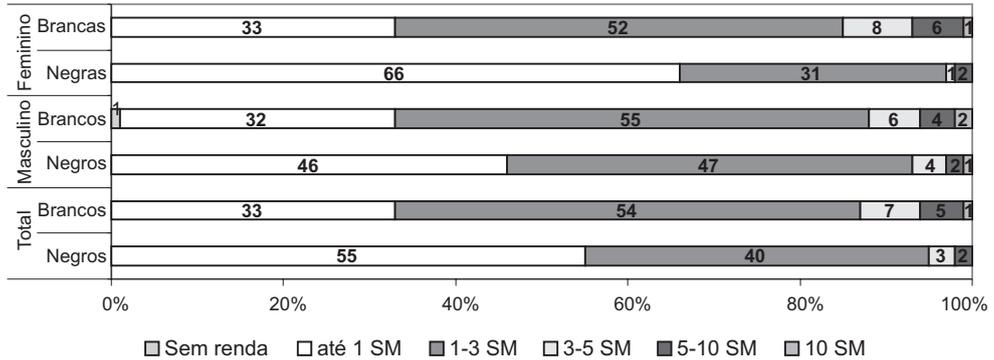
Dos jovens que estão no mercado de trabalho formal e informal, 56% encontram-se na faixa de 1SM a 3 SM, com maior proporção de mulheres e de negros. A faixa de renda entre 3 SM e 5 SM é representada pela maioria de jovens brancos (23%), especialmente os do sexo masculino (17%). A proporção de jovens que, embora inseridos no mercado de trabalho, não têm nenhum rendimento corresponde a 2%, sendo 4% de mulheres (Tabela 5).

TABELA 4
Distribuição percentual da população economicamente ativa, segundo sexo e raça/cor.
Brasil urbano, 1998

	Total de Jovens (%)	Homens		Mulheres		Total Raça/Cor	
		Negros (%)	Branco (%)	Negras (%)	Branca (%)	Negros (%)	Branco (%)
Ativos	56	78	62	50	34	65	48
Formal	30	20	34	34	37	25	35
Informal	37	48	44	27	14	41	34
Empregador	2	3	3	1	2	2	3
Empregada doméstica	4	-	-	20	3	7	1
Desempregado	26	29	19	17	44	8	28
Não remunerado	-	-	-	1	-	1	-
TOTAL	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)
	(8.300)	(2.804)	(2.636)	(1.484)	(1.376)	(4.287)	(4.011)
Inativos	44	22	38	50	66	35	52
Aposentado	1	2	-	-	1	1	1
Estudante	78	98	100	59	70	73	81
Dona de casa	21	-	-	41	29	26	18
TOTAL	100	100	100	100	100	100	100
	(6.526)	(800)	(1.647)	(1.458)	(2.621)	(2.259)	(4.269)
	(14.826)	(3.604)	(4.283)	(2.942)	(3.997)	(6.547)	(8.279)

Fonte: Pesquisa Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções sobre HIV/AIDS, Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/Aids.

FIGURA 4
Distribuição percentual da renda per capita, segundo sexo e raça/cor.
Brasil urbano, 1998



Fonte: Pesquisa Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções sobre HIV/AIDS, Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/Aids.

TABELA 5
Distribuição percentual da renda mensal individual, em salários mínimos (SM), segundo sexo e raça/cor.
Brasil urbano, 1998

Renda mensal individual	Total de jovens (%)	Sexo		Raça/cor	
		Masc. (%)	Fem. (%)	Negros (%)	Branços (%)
Sem renda	2	1	4	-	1
Até 1 SM	23	23	22	22	21
Mais de 1 a 3 SM	56	54	62	69	45
Mais de 3 a 5 SM	13	17	6	6	23
Mais de 5 a 10 SM	5	5	6	3	9
Mais de 10 SM	-	-	-	-	1
Renda individual média	1,98	2,02	1,89	2,19	1,90
TOTAL (*)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)
	(14.638)	(7.792)	(6.846)	(6.475)	(8.163)

(*) Total de jovens economicamente ativos, inseridos no mercado formal e informal.
 Fonte: Pesquisa Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções sobre HIV/AIDS, Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/Aids.

Posição na família

Em relação à posição que os jovens ocupam na família, 67% são filhos e 19% são chefes ou cônjuges. Observa-se maior proporção de negros nessa faixa etária já chefiando famílias, seja a família de origem ou uma nova família (15%). Para os homens negros, a proporção dos chefes de família é quase três vezes maior do que para os brancos. Entre as mulheres pode ser observada maior incidência de brancas (22%) do que de jovens negras (15%) na condição de cônjuge (Tabela 6).

Estado conjugal

A grande maioria dos jovens (80%) estava solteira (Tabela 7). Para os homens negros, o percentual é de 83% e para os brancos, de 94%. Para as mulheres, declararam-se solteiras 73% das negras e 70% das brancas. A Tabela 7 demonstra ainda que as mulheres dessa faixa etária estão casadas ou unidas em maior proporção que os homens. Entre os jovens, os negros unidos representam 16% e os brancos apenas 6%.

TABELA 6
Distribuição percentual da posição na família, segundo sexo e raça/cor.
Brasil urbano, 1998

Posição na família	Total de Jovens (%)	Homens		Mulheres		Total Raça/Cor	
		Negros (%)	Branco (%)	Negras (%)	Branca (%)	Negros (%)	Branco (%)
Chefe	10	23	9	6	3	15	6
Cônjuge	9	-	-	15	22	7	11
Filho	67	63	83	57	62	61	73
Outros	13	14	8	21	13	17	10
TOTAL	100 (14.826)	100 (3.604)	100 (4.283)	100 (2.942)	100 (3.997)	100 (6.547)	100 (8.279)

Fonte: Pesquisa Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções sobre HIV/AIDS, Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/Aids.

TABELA 7
Distribuição percentual do estado conjugal, segundo sexo e raça/cor.
Brasil urbano, 1998

Estado conjugal	Total de Jovens (%)	Homens		Mulheres		Total Raça/Cor	
		Negros (%)	Branco (%)	Negras (%)	Branca (%)	Negros (%)	Branco (%)
Solteiro(a)	80	83	94	73	70	78	82
Casado/Unido(a)	19	16	6	27	29	21	17
Viúvo/Desquitado/Divorciado	1	1	-	-	1	1	1
TOTAL	100 (14.826)	100 (3.604)	100 (4.283)	100 (2.942)	100 (3.997)	100 (6.547)	100 (8.279)

Fonte: Pesquisa Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções sobre HIV/AIDS, Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/Aids.

TABELA 8
Distribuição dos jovens sexualmente ativos, segundo sexo e raça/cor.
Brasil urbano, 1998

Sexualmente ativos	Total de Jovens (%)	Homens		Mulheres		Total Raça/Cor	
		Negros (%)	Branco (%)	Negras (%)	Branca (%)	Negros (%)	Branco (%)
Sim	63	67	72	49	59	59	66
Não	37	33	28	51	41	41	34
TOTAL	100 (14.826)	100 (3.604)	100 (4.283)	100 (2.942)	100 (3.997)	100 (6.547)	100 (8.279)

Fonte: Pesquisa Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções sobre HIV/AIDS, Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/Aids.

Vida sexual

Os jovens sexualmente ativos correspondem a 63% do total. Quando analisada a atividade sexual segundo raça/cor e sexo, observa-se maior proporção de brancos sexualmente ativos (66%), principalmente entre os homens (72%). As mulheres brancas nessa faixa etária também apresentam a maior proporção das que possuem vida sexual ativa (59%) (Tabela 8).

Síntese

Em suma, o perfil dos quatro grupos estudados pode ser resumido da seguinte forma:

Homens negros – mais presentes na região Nor Nor; a maioria dos jovens negros apresenta escolaridade máxima correspondente ao ensino fundamental e está filiada à religião católica. Prioritariamente solteiros e, em grande parte, sexualmente

ativos, eles ocupam a posição de filho em famílias com renda mensal *per capita* igual ou inferior a 3 SM. No mercado de trabalho, destaca-se sua inserção em ocupações informais.

Homens brancos – presentes sobretudo na região Sul X, os homens brancos jovens, em sua maioria católicos, apresentam maior nível de escolaridade que os negros. Inseridos em menor proporção no mercado de trabalho, eles relatam com maior frequência possuírem vínculo empregatício. Prioritariamente solteiros e ativos sexualmente, apresentam-se como filhos de famílias cuja renda mensal *per capita*, embora baixa, é, em média, superior à das famílias dos jovens negros.

Mulheres negras – mais presentes na região Nor Nor, as mulheres negras, filiadas principalmente à religião católica, possuem nível de escolaridade igual ou inferior ao ensino fundamental. São, em boa parte, filhas, agregadas ou cônjuges (em proporção decrescente) de famílias cuja renda mensal *per capita* gira em torno 1 SM. Muitas são donas de casa e, quando

inseridas no mercado de trabalho, é mais freqüente terem ocupações formais do que informais.

Mulheres brancas – mais presentes na região Sul X, as mulheres jovens brancas possuem nível de escolaridade maior que as mulheres negras, dado que, neste grupo, cerca da metade freqüentou o ensino médio. Prioritariamente católicas, mais da metade das jovens brancas pertence a famílias com renda mensal *per capita* entre 3 SM e 5 SM. Inseridas no mercado de trabalho com menor freqüência, elas são sobretudo estudantes. Em maior proporção do que as negras, relatam ter vida sexual ativa.

Uso de preservativo (UP) entre jovens sexualmente ativos

De acordo com o objeto já definido, no que segue consideramos o UP entre os jovens de 16 a 24 anos e seus determinantes. Para tanto, a abordagem levará em conta os quatro segmentos de jovens sexualmente ativos, conforme a Tabela 9.

TABELA 9
Distribuição percentual dos jovens usuários de preservativos, por sexo e raça/cor. Brasil urbano, 1998

	Total de jovens 16-24 anos %
Homens brancos	33
Homens negros	26
Mulheres brancas	25
Mulheres negras	16
TOTAL	100 (4.285)

Fonte: Pesquisa sobre Comportamento Sexual e Percepções da População Brasileira sobre HIV/AIDS – Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/Aids.

TABELA 10
Uso de preservativo, segundo idade e sexo e cor. Brasil urbano, 1998

Uso de preservativo	Jovens 16/24 %	> 25 anos %	Homens Jovens		Mulheres Jovens	
			Negros %	Branco %	Negras %	Branca %
Usa	46	18	52	53	28	42
Não Usa	54	82	48	47	72	58
TOTAL	100 (9.322)	100 (43.965)	100 (2.425)	10 (3.080)	100 (1.443)	100 (2.374)

Fonte: Pesquisa sobre Comportamento Sexual e Percepções da População Brasileira sobre HIV/AIDS – Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/Aids.

Na Tabela 10 pode-se observar que, da população de jovens sexualmente ativos, 46% declararam UP, contrastando com o grupo com mais de 25 anos, para o qual o uso foi de 18%. Analisando-se o UP para os quatro segmentos estudados, observa-se que entre os homens não há diferença quanto à cor. De fato, o UP foi de 53% para brancos e de 52% para negros. Já para as mulheres, os dados indicam maior poder de negociação entre as brancas, com uso de 42%.

Modelo Chaid

Das variáveis independentes utilizadas no modelo Chaid (estado conjugal, tipo de família, posição na família, nível de escolaridade, renda individual, religião atual, atividade econômica, região de moradia, Critério Brasil de Classificação Socioeconômica), o estado conjugal foi o primeiro preditor para o UP, ou seja, maior uso entre os não-unidos (56%) contra 15% para os unidos. O grupo de não-unidos foi dividido em classes sociais (Critério Brasil), com 66% de uso na classe D contra 49% nas classes A, B e C. Este último subgrupo ainda foi dividido segundo renda individual do jovem entrevistado, com maior proporção de uso (65%) para aqueles com até 1 SM.

Para os jovens unidos, o modelo permitiu ainda uma subdivisão segundo escolaridade. A maior proporção de uso coube ao grupo com, no mínimo, ensino fundamental completo (35%).

O principal preditor para o uso de preservativo, tanto para brancos como para negros,

foi a variável estrutural estado conjugal. Para os brancos solteiros, a proporção de uso é de 60% e para os negros solteiros, de 50%. Para os jovens negros, além do estado conjugal, a escolaridade aparece como segundo preditor para maior adesão ao uso de preservativo, correspondendo ao ensino fundamental incompleto.

Ao se analisar o modelo separadamente para os quatro segmentos, verifica-se que para as mulheres, independentemente da cor, não houve nenhum preditor significativo. Para os homens negros, a única variável preditora foi a utilizada para verificar a posição que os jovens ocupam na família (Posfam), ou seja: de um lado, os filhos com 66% de uso e, de outro, o chefe com 37%. No que se refere aos homens brancos, a prática sexual, em especial a oral, foi a única preditora. Quem não pratica sexo oral usa mais preservativo (73%).

Sobre o perfil dos usuários de preservativo

Estado conjugal

Conforme pudemos constatar, por meio do modelo estudado, a maior proporção de usuários de preservativos está entre os solteiros. Em relação à raça/cor, tanto para os homens como para as mulheres, não foi observada diferença de UP – 57% dos solteiros(as). Entre a população negra é que podemos notar diferenças significativas: 66% dos homens negros solteiros usam preservativos, contra apenas 45% das mulheres negras solteiras. Entre os homens casados/unidos, negros e brancos, foram

TABELA 11
Distribuição percentual do estado conjugal, segundo uso de preservativo, por sexo e raça/cor.
Brasil urbano, 1998

	Homens				Mulheres				Total%
	Negros %		Branco %		Negras %		Branca %		
	Usa	Não usa							
Solteiro(a)	66	34	57	43	45	55	57	43	(100)
Casado(a)/Unido(a)	9	91	10	90	13	87	25	75	(100)
Desquitado(a)/Separado(a)	-	-	-	100	100	-	42	58	(100)
TOTAL	(584)	(577)	(596)	(577)	(83)	(189)	(94)	(144)	

Fonte: Pesquisa Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções sobre HIV/AIDS, Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/Aids.

TABELA 12
Distribuição percentual dos UPs, segundo o tipo de relação, por sexo e raça/cor.
Brasil urbano, 1998

Tipo de relação	Total de Jovens (%)	Homens		Mulheres		Total Raça/Cor	
		Negros (%)	Branços (%)	Negras (%)	Branças (%)	Negros (%)	Branços (%)
Estável	55	50	37	87	76	59	52
Estável e Eventual	45	50	63	13	24	41	48
TOTAL	100 (4.285)	100 (1.263)	100 (1.634)	100 (404)	100 (984)	100 (1.667)	100 (2.618)

Fonte: Pesquisa Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções sobre HIV/AIDS, Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/Aids.

TABELA 13
Idade da Iniciação sexual, segundo idade atual e uso de preservativo.
Brasil urbano, 1998

Idade da iniciação sexual	Total da amostra (%)	Total de jovens (%)	Jovens		Uso de preservativo		Linha (%)
			16-19 (%)	20-24 (%)	Usa (%)	N Usa (%)	
< de 14	19	30	38	25	48	52	100
15 a 19	59	64	63	64	46	54	100
20 a 24	16	6	-	11	40	60	100
25 a 35	6	-	-	-	-	-	-
TOTAL	100 (43.296)	100 (9.322)	100 (4.437)	100 (4.885)			

Fonte: Pesquisa Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções sobre HIV/AIDS, Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/Aids.

encontrados praticamente os mesmos valores para o UP, inferiores ao relatado pelas mulheres casadas/unidas: 25% das brancas e 13% das negras. Vale salientar que, para as mulheres unidas, as negras usam menos preservativo do que as brancas. O maior UP entre as mulheres casadas provavelmente tem relação mais direta com a contracepção (Tabela 11).

Entre os homens negros, 50% usaram preservativo nas relações estáveis e eventuais. Chama a atenção a baixa adesão ao UP das mulheres jovens que mantêm parcerias estáveis e eventuais, especialmente as negras (13%). O maior UP entre as mulheres jovens foi declarado para aquelas que se encontravam em parceria exclusivamente estável, sendo 87% para as negras e 76% para as brancas. Vale ressaltar ainda o baixo UP entre os homens brancos (37%) (Tabela 12).

Iniciação sexual dos jovens

Conforme apontado por vários estudos, na presente pesquisa também foram encontrados dados que corroboram a

afirmação de que os jovens estão iniciando a vida sexual cada vez mais cedo. Essa tendência é marcante quando observado o início da vida sexual entre os jovens na faixa etária de 16 a 19 anos – 38% iniciaram a vida sexual antes dos 14 anos – e entre aqueles na faixa entre 20 e 24 anos – 25%. Para o total da amostra, apenas 19% iniciaram a vida sexual antes dos 14 anos.

O início da vida sexual antes dos 14 anos foi de 30% entre os jovens. Do total de jovens que iniciaram a vida sexual antes dos 14 anos, 48% usam preservativo atualmente, proporção muito similar à apresentada por aqueles que iniciaram a vida sexual entre 15 e 19 anos (46%). De fato, para os que se iniciaram sexualmente entre 20 e 24 anos, a proporção de UP cai para 40%, conforme a Tabela 13.

Práticas sexuais

Dos usuários de preservativo, 22% dos jovens praticam sexo anal, sendo maior a proporção entre os homens jovens brancos (27%). Entre as mulheres, não se observa diferença significativa; no entanto, entre os

homens é possível observar que os negros são os que menos praticam sexo anal. Chama a atenção, ainda, a proporção de negros que pratica sexo oral (49%) em relação aos jovens brancos (34%). Entre as mulheres, são as negras usuárias de preservativos as que mais praticam sexo oral (Tabela 14).

Uso de drogas

São usuários de preservativos apenas 8% dos que declaram uso de drogas, com maior proporção de negros (15%). Para essa variável, destaca-se a menor proporção de usuários de preservativo entre os jovens brancos de ambos os sexos que usam drogas (3%); para as mulheres brancas não foi encontrada nenhuma usuária de preservativos entre as usuárias de drogas (Tabela 15).

Número de parceiros

Dos jovens sexualmente ativos usuários de preservativo, 52% tiveram relações sexuais com um único parceiro(a) e 48% com dois(duas) ou mais parceiros(as). Apesar do grande número de jovens que

mantiveram relações apenas com um parceiro no ano anterior à pesquisa, constatou-se baixa proporção de usuários de preservativo entre aqueles que tiveram relação sexual com dois(duas) parceiros(as), especialmente entre os negros (10%), com destaque para as mulheres (17%). Os jovens brancos de ambos os sexos são os que declaram maior UP (34%) quando relatam relações sexuais com dois(duas) parceiros(as) (Tabela 16).

Teste para o HIV

Dos jovens usuários de preservativo, 21% já fizeram o teste para o HIV. Os homens brancos destacam-se com a maior proporção de UP (31%). Entre os negros observa-se um baixo UP (14%), sobretudo entre as mulheres negras (7%) (Tabela 17).

Percepção de risco

Analisando o UP segundo a percepção de risco, observou-se que a baixa ou nenhuma percepção de risco, tanto para homens como para mulheres, parece estar associada ao uso de preservativo, com maior proporção para os brancos (52%).

TABELA 14
Distribuição percentual dos UPs, segundo práticas sexuais, por sexo e raça/cor.
Brasil urbano, 1998

Práticas sexuais (respostas múltiplas)	Total de jovens (%)	Homens		Mulheres		Total Raça/Cor	
		Negros (%)	Branco (%)	Negras (%)	Branca (%)	Negros (%)	Branco (%)
Vaginal	100	100	100	100	100	100	100
Anal	22	19	27	23	20	20	24
Oral	43	51	48	43	24	49	34
TOTAL	(4.285)	(1.263)	(1.634)	(404)	(984)	(1.667)	(2.618)

Fonte: Pesquisa Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções sobre HIV/AIDS, Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/Aids.

TABELA 15
Distribuição percentual dos UPs, segundo uso de drogas, por sexo e raça/cor.
Brasil urbano, 1998

Uso de drogas	Total de jovens (%)	Homens		Mulheres		Total Raça/Cor	
		Negros (%)	Branco (%)	Negras (%)	Branca (%)	Negros (%)	Branco (%)
Sim	8	15	5	17	0	15	3
Não	92	85	95	83	100	85	97
TOTAL	100	100	100	100	100	100	100
	(4.285)	(1.263)	(1.634)	(404)	(984)	(1.667)	(2.618)

Fonte: Pesquisa Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções sobre HIV/AIDS, Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/Aids.

TABELA 16
Distribuição percentual dos UPs, segundo número de parceiros, por sexo e raça/cor.
Brasil urbano, 1998

Número de parceiros	Total de jovens (%)	Homens		Mulheres		Total Raça/Cor	
		Negros (%)	Branco (%)	Negras (%)	Branca (%)	Negros (%)	Branco (%)
1 pessoa	52	51	39	85	68	58	48
2 pessoas	24	11	38	7	24	10	34
3 pessoas	8	18	3	8	-	16	2
Mais de 3 a 5 pessoas	8	7	9	-	8	6	9
Mais de 5 pessoas	8	12	10	-	-	10	7
Ninguém							
TOTAL	100 (4.285)	100 (1.263)	100 (1.634)	100 (404)	100 (984)	100 (1.667)	100 (2.618)

Fonte: Pesquisa Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções sobre HIV/AIDS, Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/Aids.

TABELA 17
Distribuição percentual dos UPs, segundo teste para o HIV, por sexo e raça/cor.
Brasil urbano, 1998

Teste HIV	Total de jovens (%)	Homens		Mulheres		Total Raça/Cor	
		Negros (%)	Branco (%)	Negras (%)	Branca (%)	Negros (%)	Branco (%)
Sim	21	17	31	7	16	14	25
Não	79	83	69	93	84	86	75
TOTAL	100 (4.285)	100 (1.263)	100 (1.634)	100 (404)	100 (984)	100 (1.667)	100 (2.618)

Fonte: Pesquisa Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções sobre HIV/AIDS, Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/Aids.

TABELA 18
Distribuição percentual dos UPs por percepção de risco, segundo sexo e raça/cor.
Brasil urbano, 1998

Percepção de risco	Total de jovens (%)	Homens		Mulheres		Total Raça/Cor	
		Negros (%)	Branco (%)	Negras (%)	Branca (%)	Negros (%)	Branco (%)
Nenhuma	30	36	34	32	18	35	28
Baixa	47	36	52	46	52	39	52
Média/Alta	23	28	14	22	30	26	20
TOTAL	100 (4.285)	100 (1.263)	100 (1.634)	100 (404)	100 (984)	100 (1.667)	100 (2.618)

Fonte: Pesquisa Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções sobre HIV/AIDS, Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/Aids.

Entre os negros, apesar da menor proporção de UP para os que se percebem em baixo risco (39%), 46% das mulheres negras são usuárias de preservativos, contra 36% dos jovens negros. Entre as jovens brancas e os homens negros é que foram encontrados os maiores percentuais de UP para aqueles que se percebem em médio ou alto risco (Tabela 18).

Considerações finais e implicações para políticas públicas

Mesmo considerando o crescente acesso dos jovens à informação e as constantes mudanças dos padrões culturais, que implicam diretamente mudanças comportamentais, sobretudo na vida afetiva sexual, o impacto do início da vida sexual precoce,

o uso inconsistente de preservativos e os altos índices de gravidez indesejada têm preocupado vários setores da sociedade. As discussões sobre o tema surgem num contexto complexo, em que ora visam a manutenção de medidas normativas que atendam aos comportamentos sexuais socialmente aceitos, ora são ponderadas pela constatação dos reais impactos que tais eventos acabam tendo no desenvolvimento psicossocial dos jovens.

Do total da população sexualmente ativa, apenas 24% usou preservativos nas suas relações sexuais. Para os jovens de 16 a 24 anos, de ambos os sexos, esse percentual sobe para 46%.

Analisado segundo variáveis estruturais e comportamentais, encontrou-se uma relação entre UP, estado conjugal, escolaridade e raça/cor. Os jovens negros usam menos preservativo que os brancos, o que pode ser observado ao se analisar a relação entre o UP e praticamente todas as variáveis estudadas, com destaque para as jovens negras, proporcionalmente, as que menos usam preservativos.

Maior adesão ao uso de preservativo está associada ao estado conjugal, sendo observada maior proporção de uso entre os(as) não-unidos(as), com ensino fundamental completo, de classe D, com renda individual de até 1 SM. Entre os(as) jovens unidos(as), o maior UP foi encontrado entre os(as) jovens com ensino fundamental completo.

A baixa ou nenhuma percepção de risco também apareceu como fator associado à maior adesão ao uso de preservativo. Perceber-se em baixo ou nenhum risco individual com a prática de relações sexuais, para os jovens e adolescentes, parece estar associado com o uso de preservativo.

O uso de preservativo, analisado segundo raça/cor, encontrou maior adesão dos(as) brancos(as) e negros(as) não-unidos(as), e para os(as) negros(as) ainda foi encontrada associação ao ensino fundamental incompleto.

Mulheres negras: Metade dos membros deste grupo tem vida sexual ativa, contudo, poucas relataram prática de sexo seguro.

Do total de jovens sexualmente ativas, as mulheres negras que usam preservativos representam apenas 16%.

Mulheres brancas: mantêm vida sexual em maior proporção do que as negras, com parceiros usuários de preservativo, e assumem a posição de cônjuges em maior medida.

Homens negros: o principal preditor para o UP foi a posição de filhos na família; o uso cai pela metade quando os jovens estão na posição de chefes, possivelmente já unidos.

Homens brancos: maior proporção de jovens brancos sexualmente ativos (33%), com uso mais acentuado de preservativo, sobretudo para os que praticam sexo oral, com exceção daqueles que mantêm relações com mais de um(a) parceiro(a) e relatam usar drogas.

Um dos grandes desafios para conter o avanço da epidemia de AIDS hoje é ter como enfoque o desenvolvimento de estratégias que levem em consideração o fato de que a adoção de práticas individuais mais seguras nas relações sexuais está intimamente relacionada a fatores estruturais. O desenvolvimento de programas de prevenção e assistência na área da saúde deve considerar as desigualdades estruturais, visando promover o acesso das populações carentes a recursos sociais como trabalho, educação e geração de renda.

A um desafio global é necessário oferecer uma resposta integral: políticas que encorajem os jovens a avaliar os riscos em suas práticas, a desenvolver a capacidade de tomar suas próprias decisões, a planejar seus projetos, a participar de forma ativa da vida da sua comunidade, a ocupar o tempo livre com alternativas sensíveis culturalmente; políticas que permitam aos jovens conciliar a vida profissional com a trajetória educacional e saber como buscar os apoios necessários no exercício de seus direitos.

Usando como referencial o conceito de vulnerabilidade, os programas educativos nas áreas da saúde e da educação devem descolar-se de ações de caráter exclusivamente informativo para buscar promover a emancipação dos jovens tendo como enfoque a determinação de fatores econômicos,

socioculturais, relações desiguais de raça, classe e gênero no processo saúde-doença-cuidado.

É de extrema importância para o desenvolvimento de ações preventivas voltadas à população jovem sexualmente ativa

considerar que estão mais vulneráveis os unidos e os solteiros em relações eventuais, ou estáveis e eventuais, e aqueles com maior escolaridade e pertencentes aos estratos socioeconômicos mais altos, especialmente mulheres e negros.

Referências bibliográficas

AGENDE – Ações em Gênero, Cidadania e Desenvolvimento. **Além do Cairo e Beijing**: fortalecendo as organizações de mulheres no Brasil. Brasília: Agende, 1999.

AYRES, J.R.C.M. **Diversidade cultural e vulnerabilidades**. In: VI EDUCAIDS. São Paulo, APTA/CN-DST/AIDS, Un aids, 2002. Disponível em: <<http://www.apta.org.br>>.

AYRES, J.R.C.M., CALAZANS, G.J. e FRANÇA JÚNIOR, I. Educação preventiva e vulnerabilidade às DSTs/AIDS e abuso de drogas entre escolares: como avaliar a intervenção. In: TOZZI, A. Denival e SANTOS, Leal Nivaldo dos (coords.). **O papel da educação na ação preventiva ao abuso de drogas e às DSTs**. São Paulo: FDE – Diretoria de Projetos Especiais/ Direção Técnica, 1996.

_____. Vulnerabilidade do adolescente ao HIV/AIDS. In: VIEIRA, E., FERNANDES, M., BAILEY, P. e MCKAY, A. (orgs.). **Seminário gravidez na adolescência**. Rio de Janeiro: Associação de Saúde da Família, 1998.

_____. Vulnerabilidade dos jovens ao HIV/AIDS: a escola e a construção de uma resposta social. In: SILVA, L.H. (org.). **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 413-423.

AYRES, J.R.C.M. et al. Vulnerabilidade e prevenção em tempos de AIDS. In: BARBOSA, R. e PARKER, R. (orgs.). **Sexualidades pelo avesso**: direitos, identidades e poder. Rio de Janeiro/São Paulo: IMS-UERJ/ Editora 34, 1999. p. 49-72.

BENFAM – Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil. **Adolescentes, jovens e a pesquisa nacional sobre demografia e saúde**: um estudo sobre fecundidade, comportamento sexual e saúde reprodutiva. Rio de Janeiro: CDCP, 1999.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Comportamento sexual da população brasileira e percepções do HIV/AIDS. **Série Avaliação**, Brasília, MS, n. 4, 2000.

_____. **Boletim Epidemiológico AIDS**. Brasília, MS, ano XV, n. 1, jul.-set. 2001.

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000. p. 447-456.

CASTRO, M. et al. **Cultivando a vida e desarmando violências**: experiências em educação, cultura, lazer e cidadania com jovens em situação de pobreza. Brasília: Unesco/Brasil Telecom/Fundação Kellogg/ Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2001.

DIMENSTEIN, G. **O aprendiz do futuro**. São Paulo: Ática, 1997.

GOMES DA COSTA, Antonio Carlos. **Protagonismo juvenil**. Adolescência, educação e participação democrática. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

GUIMARÃES, M. A. Vulnerabilidade subjetiva. In: SEMINÁRIO A VULNERABILIDADE DA POPULAÇÃO AFRO-BRASILEIRA À EPIDEMIA DE HIV/AIDS, Rio de Janeiro, 10 a 11 de dezembro 2001. **Anais...**, 2001.

IBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2000**. Indicadores sociais mínimos. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/ibge/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos>>. Acesso em: 24 jan. 2001; 15 ago. 2002.

LOPES, F. **Novos caminhos para equalização dos diferentes na luta contra a AIDS**. In: VI EDUCAIDS. São Paulo, APTA/CN-DST/AIDS, Un aids. Disponível em: <<http://www.apta.org.br>>.

LOPES, F. et al. **Auto-atribuição de risco de infecção por HIV na população brasileira: um estudo com recorte racial.** São Paulo, 2002 (mimeo).

MADEIRA, F. R. **Quem mandou nascer mulher?** Estudos sobre criança e adolescentes pobres do Brasil. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/Unicef, 1997.

MERCHÁN-HAMANN, Edgar. Grau de informação, atitudes e representações sobre o risco e a prevenção de AIDS em adolescentes pobres do Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, Fiocruz, n. 11, v. 3, 1995. p. 463-478.

PERPÉTUO, I. H. O. Raça e acesso às ações prioritárias na agenda de saúde reprodutiva. **Jornal da Rede Saúde**, 22 nov. 2000.

PINHO, M. D. G. Aspectos da vulnerabilidade da epidemia de AIDS – vulnerabilidade entre a população negra. In: SEMINÁRIO

RELAÇÕES RACIAIS NO MERCADO DE TRABALHO, Belo Horizonte, PUC-MG, 11 a 13 de março, 1998. **Anais...**, 1998.

_____. **Cidadania e direitos reprodutivos.** In: ADVOCACY EM DIREITOS REPRODUTIVOS E SEXUAIS – WORKSHOPS NACIONAIS. Brasília: Agende – Ações em Gênero, Cidadania e Desenvolvimento, 1999.

SEIXAS, A. Abuso sexual na adolescência. In: SCHOR, N., MOTA, M. e CASTELO BRANCO, V. (orgs.). **Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento.** Brasília: Ministério da Saúde, v. 1.,1999.

SZWARCWALD, C. L. et al. Comportamento de risco dos conscritos do exército brasileiro, 1998: uma apreciação da infecção pelo HIV segundo diferenciais socioeconômicos. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, Fiocruz, n. 16 (supl. 1), 2000. p. 113-128.

Abstract

The objective of this article is to identify the structural and behavioral factors associated with the use of condoms among adolescents between the ages of 16 and 24 who were sexually active 12 months prior to the data collection for the 1988 Study on Sexual Behavior and Perceptions of the Brazilian Population regarding HIV/AIDS [*Pesquisa do Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções do HIV/AIDS, 1998*] (Cebrap/PCN-DST/AIDS), according to ethnic group and gender. The study included 9,322 students (59% men and 41% women). The structural and behavioral variables were treated according to the Chi-squared Automatic Interaction Detector model. The greatest proportion of condom users was found among single white and black people, and the smallest proportion among those with stable and casual partners, especially among young black women. The study showed that those living together in stable relationships or single people in stable or casual relationships, those with higher schooling, and those belonging to higher socioeconomic strata, especially women and blacks, are more vulnerable to unprotected sex.

Enviado para publicação em 25/11/2002.